

IMPORTÂNCIA DA LIMPEZA DA VULVA EM ÉGUAS ANTES DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL – DADOS PRELIMINARES

SILVA, Jayne Tasso¹; PEREIRA, Milena.²; KASPER, Marco Antônio.³;
BASSANI, Milena Tomasi.⁴; BONOTTO, Ramiro Martins.⁵

PALAVRAS CHAVE: EQUINOCULTURA, REPRODUÇÃO, DESINFECÇÃO, INFLAMAÇÃO, ENDOMÉTRIO.

INTRODUÇÃO

A fertilidade nas espécies domésticas, é uma das características fisiológicas de maior importância sobre a visão econômica. Na espécie equina, as endometrites são consideradas como uma das causas mais frequentes de infertilidade (BRINSKO et al.,2011), sendo responsáveis por prejuízos em sua reprodução e conseqüentemente sua produção. A endometrite é um estado inflamatório agudo ou crônico do endométrio, pode ou não estar associado a uma infecção bacteriana (KENNEY,1992). Existem dois tipos de endometrite, a fisiológica e a persistente, ambas ocorrem após a inseminação artificial, sendo a persistente uma das principais causas de infertilidade em éguas.

A endometrite fisiológica ocorre logo após a inseminação artificial, sendo identificada 30 minutos após este processo, o pico inflamatório ocorre por volta de 12 horas, se estendendo até 96 horas, os espermatozoides equinos via inseminação artificial, são capazes de induzir quimiotaxia de neutrófilos através da ativação do sistema do complemento, sendo esta atividade previamente identificada no útero da égua. Este processo fisiológico é necessário para eliminação de espermatozoides mortos, ou anormalidades morfológicas, bactérias, células inflamatórias, e outros produtos da inflamação (TROEDSSON, 1997), se ultrapassar as 96 horas se caracteriza como uma endometrite persistente.

A endometrite persistente ocorre pela incapacidade da égua em eliminar o processo inflamatório em até 48 horas após a inseminação artificial. As éguas apresentam características que as tornam predispostas a infecções uterinas (Diel de Amorim et al., 2015), estes fatores incluem um longo período de cio, uma cérvix fraca como barreira contra a invasão bacteriana, contaminação dos materiais utilizados para realização da inseminação artificial, ou estes materiais carreando os patógenos encontrados na vulva em direção ao útero, e o histórico reprodutivo. (WOODWARD; TROEDSSON, 2013)

Objetiva-se com o presente estudo demonstrar que alguns procedimentos podem ser eficazes no auxílio e prevenção de contaminações que levem a casos de endometrite persistente.

METODOLOGIA

Para realização da pesquisa, foram feitas coletas em éguas, na cidade de Nonoai, situada no Rio Grande do Sul, na região Noroeste, na Cabanha Mãe Maria. Foi utilizada a técnica de coleta por swab, utilizando três métodos de limpeza da vulva antes da inseminação. No primeiro método na égua 1 não foi

feito nenhum procedimento, apenas foi coletado amostras da microbiota natural da vulva. No segundo método, égua 2, foi utilizado água na limpeza da vulva, e então feita a coleta. Já no terceiro método, na égua 3, foi utilizado Clorexidina, também com o intuito de limpeza da vulva, e após feita a coleta. Para confecção do trabalho foi utilizado a diluição 10^{-1} , a partir da técnica de contagem bacteriana total, onde obteve-se um delineamento totalmente amostral resultando em: Procedimento na égua 1 resultou em $2,98 \times 10^{-1}$. Procedimento na égua 2, $1,18 \times 10^{-1}$. Procedimento na égua 3 obteve-se $0,75 \times 10^{-1}$.

ANALISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A endometrite é reconhecida como um dos principais problemas reprodutivos na espécie equina, determinando prejuízos decorrentes da queda da fertilidade, morte embrionária, abortamentos e o descarte de animais (ASBURY, 1987). As infecções uterinas na espécie eqüina ocorrem frequentemente por alterações nos mecanismos imunológicos de defesa, responsáveis pela eliminação dos microrganismos existentes no útero (RIET-CORREA et al., 1999). O estudo demonstrou-se importante pois pode-se avaliar a presença das principais bactérias causadoras da endometrite. No primeiro procedimento o resultado de $2,98 \times 10^{-1}$ demonstrou a porcentagem bacteriana presente na vulva não sendo utilizado nenhum agente químico para a limpeza. A amostra foi coletada da microbiota natural vulvar da égua, apresentando alta contagem bacteriana, que possivelmente favoreceria uma endometrite.

No segundo procedimento, utilizou-se água para a limpeza da vulva, tendo como resultado a contagem de $1,18 \times 10^{-1}$ mostrando que houve uma pequena redução na contagem de bactérias, lembrando que a água é espermicida, então é importante a secagem correta da vulva antes da inseminação, pois pode acarretar em baixos níveis de fertilidade. Entretanto, a água não se demonstra totalmente eficaz comparada com a limpeza do terceiro procedimento, onde utilizou-se clorexidina e o resultado foi de $0,75 \times 10^{-1}$ demonstrando que este foi mais eficaz na limpeza. A clorexidina age como antimicrobiano, antifúngico e antisséptico (CERQUEIRA, 1997). O produto é de fácil acesso, e age de forma preventiva para quadros inflamatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A limpeza da vulva é de suma importância para prevenção de possíveis endometrites, e com os procedimentos citados no trabalho pode-se diminuir a contagem bacteriana e assim evitar que quando ocorrer falhas do sistema imunológico da égua, a contaminação seja menor não evoluindo para um quadro de endometrite.

REFERÊNCIAS

BRINSKO, S.P.; VARNER, D.D.; SHUMACHER, J.; LOVE, C.C.; HINKICHS, K.; HARTMAN, D. Manual of Equine Reproduction. 3 ed. Elsevier, 2011. 190p.

CERQUEIRA, M.C.M. Anti-sepsia princípios gerais e antisépticos. In: RODRIGUES, E.A.C. Infecções hospitalares prevenção e controle. São Paulo : Sarvier, 1997. Cap.4. p.426-434.

Diel de Amorim, M., Gartley, C. J., Foster, R. A., Hill, A., Scholtz, E. L., Hayes, A. & Chenier, T. S. 2015. Comparison of clinical signs, endometrial culture, endometrial cytology, uterine low volume lavage, and uterine biopsy, and combinations in the diagnosis of Equine Endometritis. *Journal of Equine Veterinary Science*, 44, 54-61.

KENNEY, R.M. The etiology, diagnosis and classification of chronic degenerative endometritis. *Equine Veterinary Journal*, v. 25, n. 3, p. 185-186, 1992.

RIET-CORREA, F.; SCHILD, A.L.; MÉNDEZ, M.C. Doenças de ruminantes e eqüinos. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel., 1999. 659p.

TROEDSON M.H.T. Therapeutic considerations for mating-induced endometritis. *Pferdeheilkunde*, v.13, p.516-520, 1997.

WOODWARD, E. M., TROEDSSON, M. H., Equine Breeding-Induced Endometritis: A Review. *Journal of Equine Veterinary Science*. v. 33, p. 673-682, 2013.